

Recebido em nov. 2014

Aprovado em dez. 2014

**O ESPÍRITO LIVRE COMO HIPÓCRITA.  
O PROBLEMA DO CARÁTER EM NIETZSCHE**

GUSTAVO BEZERRA DO N. COSTA \*

**RESUMO**

O presente artigo trata do problema ético nietzscheano da constituição de um caráter de exceção, particularmente, o de um *espírito livre*. Abordaremos o problema sob dois aspectos: primeiramente, em um viés negativo, naquilo em que esse caráter se contrapõe àquele que se molda por meio da moralidade do rebanho. Depois, em um viés afirmativo, como *criação de si*. O fio-condutor para essa dupla abordagem é o desenvolvimento da noção de *hipocrisia*, como arte do engano e arte do ator, associada aqui a um manuseio artístico de si e tomada como chave de interpretação para tal constituição.

**PALAVRAS-CHAVE**

Ética. Criação de si. Espírito livre. Hipocrisia. Dissimulação.

---

\* Doutor em Filosofia (UERJ) e professor colaborador da UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE em estágio pós-doutoral (PNPD-UECE/CAPES).

#### **ABSTRACT**

This article deals with Nietzsche's ethical problem of the constitution of an exceptional character, mainly, that of a free-spirit. We discuss the matter under two aspects: first, under a negative bias, as opposed to that one whose constitution is molded by the morality of the herd. Then, in an affirmative bias, as *creation of self*. The leitmotif of this double presentation is the development of the concept of *hypocrisy*, as art of deceit and art of the actor, here linked to an artistic handling of self and took as a key to an interpretation of such constitution.

#### **KEYWORDS**

Ethics. Self-creation. Free-spirit. Hypocrisy. Dissimulation.

A valoração moral pesadamente negativa atribuída à noção de *hipocrisia* ao longo do tempo nos obriga a fazer uma distinção prévia que deve ser pressuposta quando se trata de compreendê-la sob uma perspectiva extramoral: uma coisa é a sua origem enquanto *arte do ator*; outra é a origem das *práticas* às quais, posteriormente, o termo foi associado e avaliado: aquelas consideradas amorais ou ainda, imorais, tendo a hipocrisia como “mãe de todos os vícios”. Se a *hypókrisis* grega<sup>1</sup> possui acepção eminentemente artística, sem implicações morais, designando a arte do ator, sua passagem à esfera moral, como antípoda de um comportamento qualitativamente ético, muito se deve à compreensão dessa arte como mera criação de um efeito de cena – elidindo toda a elaboração *poiética* prévia de constituição de um personagem.

De todo modo, ainda que ambas as acepções tenham o engano – prejudicial ou não – como termo comum, sua distinção evita a adesão prévia a uma valoração moral dada, que perde de vista a possibilidade de uma compreensão mais profícua acerca das práticas associadas à hipocrisia. Como procuraremos defender, associadas ao pensamento nietzscheano, estas duas noções de hipocrisia nos permitem uma interpretação para o problema que está

---

<sup>1</sup> Sobre as distinções prévias aqui realizadas, cujo aprofundamento não cabe na proposta deste artigo, remeto à minha tese de doutorado: COSTA, Gustavo. *Hipocrisia: arte do engano, arte do ator*. Um olhar sobre a criação de si em Nietzsche. 2013. 310f. Tese (Doutorado em Filosofia). UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro. Este artigo consiste no recorte de algumas das questões lá discutidas.

na base daquilo que Nietzsche compreende como essencial para a constituição de um *êthos*<sup>2</sup> ou de um *caráter* exemplar: não apenas em seu momento negativo, ou reativo, como preservação do indivíduo frente ao rebanho, mas também em seu viés ativo, ou afirmativo, nas práticas que configuram, no pensamento nietzscheano, a *criação de si*.

Para tanto, é preciso que nos posicionemos na perspectiva do “espírito livre” e nos abstenhamos de uma pré-avaliação moral acerca da hipocrisia e práticas

---

<sup>2</sup> Cf. GIACÓIA Jr, O. “Moralidade e memória: dramas do destino da alma”, pp. 203 e 213. Segundo o autor (citando H. C. Lima Vaz. *Escritos de filosofia II*. Ética e Cultura, p.14) Nietzsche se vincularia a uma concepção tradicional que entende *êthos* (com *epsilon* inicial) como hábito: o comportamento resultante de um constante repetir-se dos mesmos hábitos, daí a oposição entre *physei* e *êthei*, natural e habitual. Pela constância, *êthos* contrapõe-se a desejo (*órexis*). Como “possessão estável”, designada pelo termo *hexis*, exprime a *autárkeia* de seu agente, o domínio sobre si mesmo, ou seja, o seu *caráter*, aqui estreitamente vinculado à consciência moral [*Gewissen*] como responsabilidade. Cf. a esse respeito: FW/GC §317, 212: “Olhando para trás. – Raramente nos tornamos conscientes do verdadeiro *pathos* de cada período da vida enquanto nele estamos, mas achamos sempre que ele é o único estado então possível e razoável para nós, um *êthos*, não um *pathos* – falando e distinguindo como os gregos”. Cf. também a nota do tradutor P. C. de Souza a este aforismo (nota 77, p. 327), que enfatiza a distinção entre *pathos*, sentimento transitório e passivo, e *êthos*, que por ser algo duradouro e ativo diria respeito ao caráter propriamente dito. Para uma associação entre *êthos* e máscara, cf.: SCHÜLER, D. *Heráclito e seu (dis)curso*, p. 178-9, onde o autor faz uma associação etimológica entre *êthos* e “máscara”: “Máscara é morada. Também é morada o rosto que a máscara reveste [...] A cadeia de máscaras não termina”.

correlatas no pensamento de Nietzsche. Valemo-nos, em todo caso, do aval de G. Stack, para quem o filósofo teria feito da *hipocrisia*, na forma da *Schauspielerei*, praticamente uma categoria filosófica, cuja derivação seria o mimetismo descoberto pelos naturalistas: “Mimetismo no mundo dos insetos e animais é hipocrisia no mundo humano”<sup>3</sup>.

#### ● INDIVÍDUO E A MORALIDADE

Primeiramente, é preciso que retrocedamos, com Nietzsche, aos “períodos de ‘moralidade do costume’”, momento da “...*verdadeira e decisiva história que determinou o caráter da humanidade*: em que o sofrimento era virtude, a crueldade era virtude, a dissimulação era virtude, [...] enquanto o bem-estar era perigoso, a sede de saber era perigo, [...] a compaixão era perigo, [...] a loucura era coisa divina...”<sup>4</sup>. Em sua ótica, a prática da dissimulação, à qual a hipocrisia é geralmente associada, tem suas origens no instinto de conservação e nas estratégias de sobrevivência dos seres vivos, como, por exemplo, o mimetismo. Com o animal de rapina homem, tal prática atinge seu grau maior de refinamento, e a dissimulação passa então a ser compreendida como arte: *arte da dissimulação*. Já em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, escrito de juventude postumamente publicado, bem como nos fragmentos da época, Nietzsche esboça uma interpretação acerca das condições fisiológicas e históricas de surgimento

<sup>3</sup> STACK, George J. *Lange and Nietzsche*, p. 179.

<sup>4</sup> NIETZSCHE, F. W. *Aurora* §18, p. 25-6.

do “*instinto (ou impulso) de verdade*” que marca nossa civilização. Nela, a chamada “arte da dissimulação” assume papel decisivo para uma compreensão das possibilidades de convivência anteriores ao surgimento do “instinto de verdade” no homem:

Como um meio para a conservação [*Erhaltung*] do indivíduo, o intelecto desenrola suas principais forças na dissimulação [*Verstellung*]; pois esta constitui o meio pelo qual os indivíduos mais fracos, menos vigorosos, conservam-se [...]. No homem, essa *arte da dissimulação* [*Verstellungskunst*] atinge seu cume: aqui, o engano [*Täuschung*], o adular, mentir e enganar [*Lügen und Trügen*], o falar pelas costas, o *representar*, [...] o *mascaramento*, a convenção acobertadora, o fazer drama diante dos outros e de si mesmo, numa palavra, o constante saracotear em torno da chama única da vaidade [*Eitelkeit*], constitui a tal ponto a regra e a lei, que quase nada é mais incompreensível do que como pôde vir à luz entre os homens um legítimo e puro impulso à verdade (grifos nossos)<sup>5</sup>.

Como arte da dissimulação, a hipocrisia é o instrumento pelo qual o intelecto se desenvolve como forma de sobrevivência dos indivíduos – ou mesmo de grupos – mais fracos frente aos mais fortes<sup>6</sup>; como forma de manutenção de limites entre si e os outros.

---

<sup>5</sup> NIETZSCHE, F. W. “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”, p. 28.

<sup>6</sup> Devemos aqui evitar uma associação precipitada entre “fracos” e “escravos”, assim como entre “fortes” e “superiores”. Em vários de seus textos Nietzsche aponta para o oposto: são os seres superiores aqueles mesmos que precisam de maior proteção. Cf. por exemplo KSA, XIII:14[133], 1888, p. 315-7; KSA, **[CONTINUA]**

Na vida gregária, porém, esse instrumento acaba por ser tolhido – *no indivíduo* – em nome da imposição de uma verdade:

Enquanto o indivíduo, num estado natural das coisas, quer preservar-se contra outros indivíduos, ele geralmente se vale do intelecto apenas para a dissimulação: mas, porque o homem quer, ao mesmo tempo, existir socialmente e em rebanho, por necessidade e tédio, ele necessita de um acordo de paz e empenha-se então para que a mais cruel *bellum omnium contra omnes* ao menos desapareça de seu mundo. Esse acordo de paz traz consigo, porém, algo que parece ser o primeiro passo rumo à obtenção daquele misterioso impulso à verdade. Agora, fixa-se aquilo que, doravante, deve ser “verdade”, quer dizer, descobre-se uma designação uniformemente válida e impositiva das coisas, sendo que a legislação da linguagem fornece também as primeiras leis da verdade...<sup>7</sup>

Na hipótese nietzscheana, que aqui antecipa a prática genealógica que irá desenvolver em seus escritos futuros, a verdade surgiria como “cristalização” – pela necessidade de estabelecimento de relações de confiança – de valores e costumes, a partir de conceitos criados pelas simplificações e transposições metafóricas próprias da linguagem. Essa origem metafórica, no

---

**[CONTINUAÇÃO DA NOTA 6]** XIII:14[123], 1888, p. 303-5; e ainda KSA, XIII:15[65], 1888, p. 450. Isto nos permite estender o alcance da hipocrisia também como meio de proteção dos mais fortes (mais valiosos) em meio aos mais fracos (e mais numerosos), como veremos a seguir, quando tratarmos da ideia de hipocrisia como “refúgio”.

<sup>7</sup> NIETZSCHE, F. W. “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”, p. 29.

entanto, seria esquecida e internalizada como questão de consciência [*Gewissen*]. O que era uma tendência fisiológica converte-se, pela necessidade de conservação e coesão do grupo, em um “dever da verdade” [*Pflicht der Wahrheit*] – dever este que, pelo esquecimento de suas origens, transfigura-se, por metástase, em um “impulso à verdade”<sup>8</sup> [*Trieb zur Wahrheit*].

Se a mentira não é aceita, se a hipocrisia – enquanto “vício” da mentira e da dissimulação – é algo moralmente condenável, não seria pela ilusão em si, ou por se opor a uma verdade incondicional, mas pelos prejuízos à coletividade que podem vir a acarretar. Ser “mentiroso” significaria não se submeter ao que o grupo convencionou, não se conformar em mentir gregariamente – já que exigiria de si invenção e memória<sup>9</sup>. Ao passo que ser “verídico”, obedecer ao acordo de veracidade, seria mais cômodo, seguro e vantajoso. E sob essa perspectiva, o que tornaria a hipocrisia um *problema moral* não seria propriamente o engano aí envolvido, nem, talvez, que não se saiba estar sendo enganado, mas as consequências que decorrem de certas formas de engano – como nos mostra Nietzsche, enfatizando o aspecto utilitarista aí envolvido:

O mentiroso serve-se das designações válidas, as palavras, para fazer o imaginário surgir como efetivo [...]. Se faz isto de uma maneira individualista e ainda

---

<sup>8</sup> NIETZSCHE, F. W. “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”, p.37. Cf. tb. COLLI, G; MONTINARI, M. (orgs.); *Nietzsche: Sämtliche Werke-Kritische Studienausgabe* (doravante KSA -VII:19[97] 1872-3), p. 451-2

<sup>9</sup> NIETZSCHE, F. W. *Humano, demasiado humano* §54, p. 56.



por cima nociva, então a sociedade não confiará mais nele e, com isso, tratará de excluí-lo. Nisso, os homens não evitam tanto ser ludibriados quanto lesados pelo engano. [...] o que eles odeiam fundamentalmente não é o engano, mas as consequências ruins, hostis, de certos gêneros de engano. Num sentido semelhantemente limitado [...] Ele quer as consequências agradáveis da verdade. As que conservam a vida...<sup>10</sup>.

Ora, pelo que se percebe, é na medida em que a *perspectiva* de avaliação muda do indivíduo para a comunidade – ou seja, na instauração da *moralidade dos costumes* [*Sittlichkeit der Sitte*] – que a condenação do indivíduo<sup>11</sup> e de suas práticas, enquanto práticas de engano, realiza-se. A partir de então, qualquer tentativa de “desobediência” não poderia ser vista senão com maus olhos por um grupo que, pautado pelo “dever da verdade”, trata de coagir os dissidentes como ameaça à sua sobrevivência. Necessária à coesão e conservação desse rebanho, a verdade será agora a instância de avaliação das formas de dissimulação e engano, condenando aquelas prejudiciais ao grupo – como a

---

<sup>10</sup> NIETZSCHE, F. W. “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”, p. 30. Nietzsche chega a essa conclusão também em um fragmento da mesma época ao se perguntar: “Por que nós não queremos ser enganados? [...] Só a ilusão que lhe é hostil ele rejeita, não a agradável. [...] Então, onde é possível ser enganado em sua confiança com más consequências, ele descarta a ilusão” (KSA, VII:19[253] 1872-3. Tradução própria). Cf. também: KSA, VII:19[97] 1872-3; e ainda: VII:29[17] 1873.

<sup>11</sup> NIETZSCHE, F. W. *O Andarilho e sua sombra*, §89, p. 46-7.

*loucura*, por exemplo – canalizando as demais para outras esferas – dentre as quais, a da *arte*. Voltaremos a esses “desvios” mais à frente.

Em *Aurora* e outros textos do mesmo período, Nietzsche retoma e redimensiona a hipótese de seus escritos de juventude acerca da formação da *moralidade dos costumes* [*Sittlichkeit der Sitte*]. Por força de coerção e motivo de coesão, impõe-se ao animal de rapina homem uma determinada *obediência* a costumes, com base nas experiências passadas acerca do que se presume ser útil ou prejudicial. Tal obediência será depois internalizada na forma do “sentimento do costume”<sup>12</sup>, ou seja, de uma *consciência moral* [*Gewissen*], configurando um processo que corresponderia à *domesticação* [*Zähmung*] daquele animal de rapina na forma do “homem-rebanho”<sup>13</sup> [*Heerdenmensch*].

“A moralidade é o instinto de rebanho no indivíduo”, dirá Nietzsche em *A Gaia ciência*: domesticar um indivíduo implica frear e coibir os seus instintos de modo a inculcar-lhe o sentimento de pertença a uma coletividade e a crença nas virtudes do rebanho<sup>14</sup> – e com isso, infundir-lhe um *thos de rebanho*. Trata-se de um processo educativo no qual têm papel a *memória* dos costumes e o *esquecimento* da dor sofrida. E corresponderia à formação e passagem de uma *má-consciência* [*schlechtes Gewissen*], enquanto descrença em seus próprios instintos e virtudes, a uma *boa-consciência* [*gutes Gewissen*], enquanto *crença nas virtudes do rebanho*. É, então, à

---

<sup>12</sup> NIETZSCHE, F. W. *Aurora* §19, p. 26. Cf. tb *idem* §9, 17-9.

<sup>13</sup> NIETZSCHE, F. W. KSA-XII:10[167],1887, p. 554-5.

<sup>14</sup> NIETZSCHE, F. W. *A Gaia ciência* §116, p. 142.

custa da má-consciência *no indivíduo* que a boa-consciência *de rebanho* vêm à tona: “o indivíduo deve sacrificar-se – assim reza a moralidade do costume”<sup>15</sup>. E é por meio desse trabalho artístico – porém, sem artista<sup>16</sup> – que a moralidade, enquanto boa-consciência de rebanho, *restitui* ao homem a crença no *valor* da vida. Como nos mostra Nietzsche desde *Humano, demasiado humano*, é esse mesmo processo de incorporação e configuração presente na invenção de uma boa-consciência – internalização de hábitos e costumes<sup>17</sup> – que atua na formação de um *caráter*. Embora aqui ainda se trate de um caráter *de rebanho*, próprio do indivíduo que “cresce em si por meio de sua moralidade”<sup>18</sup> e que precisa permanecer confiável ao meio onde cresceu.

Para essa forma de boa-consciência, “o *tornar-se consciente*” [*das Bewusstwerden*] não poderia ser, senão, um sinal de que a moralidade propriamente dita, a certeza instintiva do agir como rebanho, foi para as cucuias...”<sup>19</sup>. Como afirma Nietzsche: “Em todo tornar consciente exprime-se um mal-estar do organismo: algo novo deve ser tentado, não se está suficientemente pronto para tal [...]. Só se age perfeitamente enquanto se age por instinto”<sup>20</sup>. Porém, é por meio destes mesmos processos conscientes que se pode novamente

<sup>15</sup> NIETZSCHE, F. W. *Opiniões e sentenças diversas* §90, p. 46.

<sup>16</sup> NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal* §291, p. 176.

<sup>17</sup> NIETZSCHE, F. W. *Humano, demasiado humano* §228, p. 159.

<sup>18</sup> NIETZSCHE, F. W. *O Andarilho e sua sombra*, §89, p. 46-7.

<sup>19</sup> NIETZSCHE, F. W. KSA-XIII:14[142], 1888, p. 325-7.

<sup>20</sup> NIETZSCHE, F. W. KSA- XIII:15[25], 1888, p. 420-1.

“incorporar o saber e torná-lo instintivo”<sup>21</sup>, restaurando a *espontaneidade* própria à boa-consciência, na moralidade como no indivíduo.

Como salienta Nietzsche poucos anos depois, em *Genealogia da moral*, a condenação daqueles “desvios” do indivíduo – dentre os quais incluiríamos a hipocrisia moral – tenderia a diminuir com o aumento de “poder da comunidade”, na medida em que se tornariam menos “subversivos e perigosos para a existência do todo”<sup>22</sup>. Por outro lado,

[...] dado que os homens, com vistas à sua segurança, puseram-se como *iguais* uns aos outros para a fundação da comunidade, mas tal concepção vai contra a natureza do indivíduo e é algo forçado, [...] ocorre que novos rebentos do antigo impulso à preponderância se afirmam, quanto mais a segurança é garantida...<sup>23</sup>.

Sob esse ponto de vista, a condenação do indivíduo apenas refinaria e acentuaria as práticas de engano que permitiriam a sua existência, como *indivíduo*, em meio a um rebanho – abrindo caminho, como veremos a seguir, para que tais práticas venham a se configurar como *hipocrisia* – enquanto arte do engano e do ator. E com ela, a possibilidade de constituição de um *êthos de exceção*.

Nem a condenação, portanto, nem tampouco o seu arrefecimento pelo incremento do poder social implicariam a supressão das formas de hipocrisia, ao

---

<sup>21</sup> NIETZSCHE, F. W. *A Gaia ciência* §11, p. 62-3.

<sup>22</sup> NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da moral* - II§10, p. 61.

<sup>23</sup> NIETZSCHE, F. W. *O Andarilho e sua sombra* §31, p. 184.

contrário. A arte da dissimulação permaneceria mesmo como forma de proteção: agora, dos mais seletos frente aos mais numerosos. Seria então, nesse primeiro momento, uma força reativa, mas já criativa, de fuga da condição gregária, ou antes, de preservação e constituição da individualidade ante o arrasto ao rebanho. Momento em que assumiria as facetas da *vaidade* e do *refúgio*: aquilo que Nietzsche chama de “impulso à preponderância” e “legítima defesa”, respectivamente, mas que em outras épocas caracterizava aquilo que Accetto, e antes dele Maquiavel, compreendiam por *simulação* e *dissimulação*: “dizer o que não se é” e “não dizer o que se é”<sup>24</sup>. É dentro dessa perspectiva conflituosa, agonística, da relação entre indivíduo e moralidade que Nietzsche nos apresenta a possibilidade de constituição de um caráter como algo a ser em maior ou menor grau forjado, como uma *criação* propriamente *artística*. Pelo que se faria necessária uma nova má-consciência, novamente o “*tornar-se consciente*”, a fim de que a individualidade venha a ser restituída.

Poderíamos nos perguntar, a essa altura, se com a defesa da preservação do indivíduo ante o rebanho e da criação de si, estaríamos diante da proposta de uma ética individualista. A resposta seria positiva, caso nos escapasse que uma ética individualista só é assim

---

<sup>24</sup> Cf. ACCETTO, T. *Da Dissimulação Honesta*. Trad. Edmir Missio. São Paulo, Martins Fontes, 2001. Apresentação feita pelo tradutor. p. VIII. Cf. também: MAQUIAVEL. N. *O Príncipe*. Trad. e Sel. Lívio Xavier. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Coleção Os Pensadores. §XVIII, p. 80.

considerada quando se parte de uma perspectiva de rebanho, a qual elude o fato de que, para Nietzsche, são precisamente os grandes homens, os animais de rapina, os espíritos livres, os responsáveis, por sua *exemplaridade* e *excepcionalidade*, pela condução de si e do próprio rebanho. Não se trata, por isso, de uma ética individualista, mas antes *de exceção*, ou se quisermos, aristocrática. O pensamento nietzscheano é, como ele mesmo várias vezes salienta, dirigido a uma hierarquia, e nesse sentido a várias morais, como nos mostra esse fragmento de 1886-7:

Minha filosofia está dirigida à hierarquia: não a uma moral individualista. O sentido do rebanho deve imperar no rebanho, — mas não deve ultrapassá-lo; os condutores do rebanho precisam de uma valoração fundamentalmente distinta de suas próprias ações, o mesmo valendo para os independentes ou para os “animais de rapina” etc.<sup>25</sup>

### **O INDIVÍDUO E A CRIAÇÃO DE SI**

Desde os seus primeiros escritos, Nietzsche aponta para a possibilidade e mesmo necessidade de *formação* [*Bildung*] do caráter dos homens *de exceção* — daqueles que estariam a imprimir em um povo uma *unidade de estilo artística*, ou seja, moldar-lhe uma cultura<sup>26</sup>. Tal possibilidade, nesse período, desenvolve-se atrelada ao intento de “um *mais elevado* conceito de cultura” e de crítica ao “sentido histórico” de sua época<sup>27</sup>.

<sup>25</sup> NIETZSCHE, F. W. KSA, XII:7[6], 1886-7, p. 280.

<sup>26</sup> NIETZSCHE, F. W. *Segunda consideração intempestiva* §4, p. 35.

<sup>27</sup> NIETZSCHE, F. W. *Ecce Homo*. “Segunda consideração extemporânea” §1, p. 67.

E tal formação dar-se-ia como “luta entre uma disciplina nova e rigorosa e os valores legados e inculcados”, agora incorporados como *natureza*. Se, por um lado, não seria possível excluir-se completamente desta cadeia, por outro, por meio dessa luta seria possível implantarmos “em nós um novo hábito, um novo instinto, uma *segunda natureza* [*zweite Natur*] que farão morrer a nossa *primeira natureza* [*erste Natur*]” – esta mesma, “uma tentativa de indicar para si *a posteriori* o passado do qual se queria ter saído, por oposição àquele do qual realmente se saiu”<sup>28</sup>.

Embora não seja nosso intuito delinear de modo mais apurado o problema das ideias de *primeira* e *segunda natureza* em Nietzsche, gostaríamos de salientar dois aspectos que nos parecem importantes para esta investigação: primeiro, a compreensão da ideia de “natureza” como uma consolidação de hábitos e instintos. “Segunda natureza” seria o resultado da conformação de hábitos em superposição, ou mesmo substituição, a costumes já consolidados – ou seja, a uma “primeira natureza”. O segundo aspecto diria respeito precisamente à compreensão desta relação como um *processo* no qual *primeira natureza* é apenas o resultado de uma *segunda natureza* bem-sucedida – enfatizando, com isso, a transitoriedade dessa constituição. Tais aspectos nos possibilitam conceber a ideia de *caráter*, em Nietzsche, como o resultado, em maior ou menor grau transitório, da incorporação de *naturezas*. Em sua juventude, este processo será compreendido nos termos de um desvelamento da

---

<sup>28</sup> NIETZSCHE, F. W. *Segunda consideração intempestiva* §3, 30-1.

própria essência tendo em vista a constituição do caráter de exceção, do fomentador de uma *Cultur*. No que tem importância fundamental o educador [*Erzieher*] que, pela exemplaridade *inspira* a construir a sua própria essência<sup>29</sup>. É o papel, aliás, que desempenham, para o jovem Nietzsche, Schopenhauer e Wagner.

A partir dos chamados “escritos intermediários”, no entanto, principalmente em *A Gaia ciência*, a ideia da constituição de uma segunda natureza e formação de um caráter passa a ser compreendida não mais como uma *busca* da própria essência por meio da exemplaridade do educador, mas, atrelada a um “plano artístico” de *criação de si*, toma gradativamente a feição de uma preocupação para consigo<sup>30</sup>, pautada na atenção *a si próprio* e reinterpretação dos próprios instintos. Enfatizando-lhe o viés artístico, Nietzsche confere a tal constituição um novo propósito: “tornar-se o que se é”.

Nós [...] *queremos nos tornar aqueles que somos* – os novos, únicos, incomparáveis, que dão leis a si mesmos, que criam a si mesmos [*sich-selber-*

---

<sup>29</sup> NIETZSCHE, F. W. *Terceira consideração extemporânea* §1, KSA-I, p. 341.

<sup>30</sup> Cf. LOPES, R. *Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche*, p. 345. Como afirma R. Lopes: “Nos escritos do período intermediário Nietzsche revisita não apenas o ceticismo, mas toda a gama de filosofias helenísticas com o intuito de extrair destas escolas argumentos e inspiração para um projeto de retomada da vida contemplativa que prioriza o cuidado e o cultivo de si, negligenciando momentaneamente, ao modo de quem opera um recuo estratégico para acumular forças, qualquer agenda política para a cultura que vá além do indivíduo e de suas necessidades”.



*Schaffenden*]! E para isso temos de nos tornar os melhores aprendizes e descobridores de tudo o que é normativo e necessário no mundo <sup>31</sup>.

Foge também ao nosso propósito um maior aprofundamento acerca das implicações e de toda a amplitude que a máxima de Píndaro tem no pensamento nietzscheano. Cabe-nos apenas apontar para a íntima relação que esta tem com a proposta nietzscheana de

---

<sup>31</sup> NIETZSCHE, F. W. *A Gaia ciência* §335, p. 224. Cf. a esse respeito: DIAS, Rosa. *Nietzsche. Vida como obra de arte*, pp. 19-20 e 109. Rosa Dias atenta para um importante deslocamento na concepção nietzscheana de arte, entre os períodos de *O nascimento da tragédia* – “Só como fenômeno estético pode a existência e o mundo justificar-se eternamente” (§ 5,47-8) – e *A gaia ciência* – “Como fenômeno estético a existência ainda nos é suportável” (§107,132-3). Enquanto a primeira passagem “aparece no contexto de reflexão sobre a obra de arte”, ainda associada a uma metafísica de artista, a segunda diria respeito “a outro tipo de arte: da vida como obra de arte”. Tal deslocamento, que marca a passagem da reflexão sobre as obras de arte para uma reflexão sobre a vida mesma considerada como arte, teria ocorrido a partir do segundo volume de *Humano, demasiado humano* (“Opiniões e sentenças diversas” e “O Andarilho e sua sombra”), no qual surge um outro ponto de vista de valorização da arte: trata-se agora da “arte de criar a si mesmo como obra de arte” (p. 19-20). Mais especificamente, trata-se do aforismo §174 de *Opiniões e sentenças diversas*, intitulado: “Contra a arte das obras de arte”: “A arte deve, sobretudo e principalmente, embelezar a vida, ou seja, tornar a nós mesmos suportáveis e, se possível, agradáveis para os outros [...]. Após essa grande, imensa tarefa da arte, o que se chama propriamente arte, a das obras de arte, não é mais que um apêndice...” (§174, 82-3). Para Rosa Dias, esse aforismo marcaria a transição da crítica de Nietzsche à arte que leva o homem a “evadir-se de si mesmo” para a compreensão da “arte de criar a si mesmo como obra de arte” (p. 109).

criação de si. Tal possibilidade, como defendemos, estaria associada à tarefa de trazer de volta a boa-consciência no indivíduo: “Restituir ao homem mau a boa-consciência – foi esse o meu esforço involuntário?”<sup>32</sup>.

Retomemos agora o foco da relação entre indivíduo e moralidade. Se, como vimos anteriormente, aumentando-se o poder de uma comunidade os desvios do indivíduo tendem a ficar menos perigosos e mais tolerados, nas épocas em que o “sentimento da moralidade” refina-se a ponto de volatilizar-se e enfraquecer-se, no “homem livre” – que “em tudo quer depender de si, não de uma tradição” – readquire boa-consciência toda aquela “espécie de originalidade” que, “sob o domínio da moralidade de costume”, havia adquirido má-consciência<sup>33</sup>. A seguinte passagem, indicativa desta transição, é do discurso “Dos mil e um fitos” de Zaratustra:

Criadores foram, primeiro, os povos, e só mais tarde, os indivíduos; na verdade, o próprio indivíduo ainda é a mais jovem criação. [...] Mais antigo é o prazer pelo rebanho do que o prazer pelo eu; e, enquanto a boa consciência se chama rebanho, somente a má-consciência diz: “Eu”<sup>34</sup>.

Também em *Além do bem e do mal* Nietzsche reafirma o propósito, que de certo modo perpassa a maior parte seus escritos, de criação de uma boa-consciência no indivíduo, em contraposição à “boa-consciência de rebanho”<sup>35</sup>. Sob essa égide, o indivíduo

<sup>32</sup> NIETZSCHE, F. W. KSA-XII:7[6], 1886-7, p. 283.

<sup>33</sup> NIETZSCHE, F. W. *Aurora* §9, p. 19.

<sup>34</sup> NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Zaratustra*. “Dos mil e um fitos”, p. 86.

<sup>35</sup> NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal* §214, p. 110.

estaria, “obrigado a uma legislação própria, a artes e astúcias próprias de autopreservação, autoelevação, autorredenção”<sup>36</sup>. Para tanto, tem que se desfazer da *segunda natureza* que lhe foi imposta pela educação via moralidade, depois convertida em *primeira natureza*, e trazer à tona, já madura, a sua própria. Cotejando com o que diz em *Humano, demasiado humano*: “Uma contranatureza *provoca* formalmente uma segunda”<sup>37</sup>. Para além do teor reativo, as estratégias de sobrevivência do indivíduo frente ao rebanho são o meio pelo qual a afirmatividade da constituição de si como *exceção* torna-se possível. Tal qual o desenvolvimento da moralidade no indivíduo, também aqui estaria associada uma crença – porém, não mais nas virtudes do rebanho, mas *em suas próprias virtudes*.

Tal proposta, em relação a seus escritos de juventude, confere à constituição de si um novo *direcionamento*. Como afirma em *Aurora*, tais virtudes devem não mais ser *buscadas acima* de si, mas *criadas* a partir de si mesmo, nos próprios impulsos e pendores, ou seja nas opiniões acerca de si que encontramos por “trilhas erradas”<sup>38</sup>. “*Limitemo-nos* [portanto] a depurar nossas opiniões e valorações”<sup>39</sup>, transfigurando-as em *virtudes*, como diz em *A gaia ciência*. Para tanto, como salienta também em *Ecce homo*, “possuem sentido e valor próprios até os desacertos da vida”<sup>40</sup>.

<sup>36</sup> *Idem* §262, p. 161.

<sup>37</sup> NIETZSCHE, F. W. *Ecce homo*, “Humano, demasiado humano” §3, p. 75.

<sup>38</sup> NIETZSCHE, F. W. *Aurora* §115, p. 88.

<sup>39</sup> NIETZSCHE, F. W. *A Gaia ciência* §335, p. 224.

<sup>40</sup> NIETZSCHE, F. W. *Ecce homo* II §9, p. 48.

Trata-se, com efeito, do mesmo trabalho de *domesticação* [*Zähmung*] de instintos a gerar a boa consciência do sentimento de *pertença a uma comunidade* – no caráter de rebanho; ou de *pertença a si próprio* – no caráter de exceção: ambas tendo como fruto a plenificação de instintos, que se traduz na *força de caráter* e que não se obteria com uma mera entrega aos acasos ou no “seguir os próprios sentimentos”. Há decadência, para Nietzsche, onde há fraqueza e desagregação. Ao passo que há ascensão onde há força e coordenação sob um impulso de comando. É preciso, então, dominar “o caos que se é”<sup>41</sup>. Daí a importância da *autodisciplina* [*Selbstdisziplin*], ou do *autodomínio* [*Selbstbeherrschung*], enquanto coordenação de impulsos como meio para se chegar à grandeza de caráter – processo que Nietzsche compreende como *cultivo de si* [*Selbstzucht*]. Mas é preciso ressaltar: “uma mera disciplina de sentimentos e pensamentos não é quase nada [...]: deve-se primeiro convencer o *corpo*. [...] o lugar certo é o corpo, os gestos, a dieta, a fisiologia, o *resto* é consequência disso”<sup>42</sup>. Em *Ecce homo*, esta atenção às “coisas próximas” tomará a forma de uma *grande dietética*, envolvendo alimentação, clima, amizades, etc.; e cujo instrumento principal de seletividade e defesa seria o *gosto*. Cabe à filosofia, portanto, a tarefa que antes cabia à moralidade, de “arte da transfiguração” e “transposição de estados fisiológicos para a forma e distância espirituais”<sup>43</sup>.

---

<sup>41</sup> NIETZSCHE, F. W. KSA-XIII:14[61], 1888, p.247; e KSA-XIII:14[219], 1888, p. 394.

<sup>42</sup> NIETZSCHE, F. W. *Crepúsculo dos ídolos* IX §47, p. 97.

<sup>43</sup> NIETZSCHE, F. W. *A Gaia ciência*, prólogo §3, p. 134.

A alusão feita em *Aurora* à figura do jardineiro parece-nos sugestiva, primeiramente pela ênfase na preponderância dos impulsos ante o que pode o autodomínio; indicando o caráter fictício em que consiste o “tomar as rédeas de si”. “*Querer* combater a veemência de um impulso não está em nosso poder”, dirá ele. O intelecto é apenas o “instrumento cego de *um outro impulso*, rival daquele que nos tormenta com sua impetuosidade”<sup>44</sup>. Em segundo lugar, tal alusão nos mostra que, para Nietzsche, liberar-se das rédeas fictícias da moral não implica uma entrega aos acasos, nem tampouco na crença em si como “fato inteiramente consumado”, mas tem como propósito *criar* para si novas rédeas: pela atenção aos próprios impulsos, certamente. Mas também, pela afirmação dos acasos e sua incorporação a um plano artístico<sup>45</sup>. Reconhecido o primado dos impulsos e acasos, assim como a ficção inerente a qualquer tentativa de “autodomínio”, trata-se de fazer destes a “matéria-prima” para uma reinterpretação e resignificação com a qual se chega à primazia da criação de si. O que implica, pela *experimentação de si*, fazer-se *intérprete de suas vivências*.

Afirmar-se, diz Nietzsche, implica reconhecer como *necessários* até os desacertos e infortúnios. Ora, se é inevitável dispor também de nossas fraquezas, se é preciso “reconhecê-las como leis acima de nós”, é então necessária a força artística para torná-las “o pano de fundo em que ressaltam” as próprias virtudes<sup>46</sup>. Em

<sup>44</sup> NIETZSCHE, F. W. *Aurora* §560, p. 279; e §109, p. 81, respectivamente.

<sup>45</sup> NIETZSCHE, F. W. *A Gaia ciência* §290, 195-6; e §335, p. 224.

<sup>46</sup> NIETZSCHE, F. W. *Aurora* §281, p. 161.

outras palavras, para fazer com que tenham sentido e valor até os desacertos e infortúnios da vida: “Foi assim”, “Assim eu quis!”<sup>47</sup>. Se há ainda exemplos a copiar, esses devem ser buscados nos artistas, transfiguradores de acasos em necessidade – e de infortúnios em beleza sublime. Para além destes, porém, aqui, artista e obra de arte, arte e vida são uma só.

Duas características, em suma, marcariam a compreensão nietzscheana acerca da constituição de um caráter: a sua posição díspar em relação àquele que se forma pelo instinto de rebanho, no seio da moralidade; e por outro lado, particularmente a partir de *Humano, demasiado humano*, o viés artístico que o permeia, como resultado de um projeto de *criação de si*. Vimos acima, com relação ao primeiro aspecto, que na tensão entre indivíduo e moralidade a hipocrisia tomaria a forma reativa de uma arte da dissimulação como forma de sobrevivência daquele frente ao grupo. Mas o que dizer com relação ao segundo aspecto? Neste, ao contrário, parece requerer-se um estado de boa-consciência que, a princípio, passaria longe de qualquer forma de hipocrisia e engano. Como, então, associar hipocrisia e criação de si?

### HIPOCRISIA E CARÁTER

É preciso que se tenha em mente, em primeiro lugar, que o que caracterizaria a hipocrisia, na forma como a compreendemos, não seria tanto a escolha entre ser sincero ou mentir – já que é possível ser hipócrita mesmo sendo sincero – quanto a possibilidade de

---

<sup>47</sup> NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Zaratustra*. “Da Redenção”, p. 173.

*ponderação acerca do momento de ser sincero ou mentir. Ponderação que associaríamos a uma determinada forma de manipulação – ou, como preferimos, manuseio – e que diferiria do autoengano pela perspectiva na qual se coloca: a do enganador que, ao contrário do enganado, reconhece o engano. O autoengano, por sua vez, seria visto como um não reconhecimento dos processos mesmos pelos quais uma determinada escolha seria incorporada à constituição de um indivíduo como pessoa<sup>48</sup>. Essa concepção aparece, no pensamento de Nietzsche, primeiramente como um não-reconhecimento de si como ficção, e negação de si como necessidade – culminando com a hipóstase das ficções constitutivas do eu: “sujeito”, “consciência” e “livre-arbítrio”. Depois, atrelado à ideia de boa-consciência enquanto crença nas virtudes do rebanho, e ainda como submissão a convicções que caracterizaria a fé. Em ambas regeria a vontade de engano e aparência-, enquanto vontade fundamental do espírito, de ilusão e incorporação. Porém, de forma não reconhecida.*

Como havíamos sinalizado, a simples correlação entre criação de si e hipocrisia já daria margem a problematizações. Principalmente, no que diz respeito à relação entre uma boa-consciência e aquilo que Nietzsche concebe como “força de caráter”. De fato, poder-se-ia perguntar: como conceber a hipocrisia atrelada à boa-consciência, enquanto crença em suas próprias virtudes, quando se tem na consciência do engano e na ausência de espontaneidade duas de suas

---

<sup>48</sup> A esse respeito conferir: FINGARETTE, Herbert. *Self-Deception*. p. 66-71.

marcas? Nietzsche, a esse respeito, parece bastante claro ao apontar para o valor da espontaneidade própria à boa-consciência em detrimento das ações ponderadas – e, nesse sentido, não espontâneas – para a plenificação de instintos. Como ele mesmo afirma, “nenhum poder se impõe, se tiver apenas hipócritas como representantes”<sup>49</sup>. Como, então, compreender a relação entre hipocrisia e boa-consciência? Ou ainda, entre ponderação e “força de caráter”? E mais, como pensar uma hipocrisia – enquanto manuseio e engano – com relação a si próprio?

Para respondermos a estas perguntas, não devemos perder de vista a compreensão da formação de um caráter como um *processo*. Como vimos anteriormente, é por meio da consolidação de hábitos e constituição de um *êthos* que Nietzsche concebe a criação de um caráter pela moralidade, ou seja, um caráter de rebanho. Processo que, pela passagem de uma má-consciência no *indivíduo* a uma boa-consciência de *rebanho*, seria o meio para se chegar à *inocência* do *caráter de rebanho*. Ora, também a *criação de si* deve ser compreendida sob esse viés. Também aqui a formação de um caráter estaria associada a um processo de constituição de um *êthos* a partir de hábitos. No entanto, diferentemente do caráter de rebanho, os processos aí envolvidos – desde a “grande dietética”, o “cultivo” e “assenhoramento de si”, até a atenção e reinterpretação artística de impulsos – requereriam uma determinada forma de *intencionalidade* que aqui poderíamos – em oposição ao autoengano – chamar

---

<sup>49</sup> NIETZSCHE, F. W. *Humano, demasiado humano* §55, p. 57.



de *manuseio artístico de si*. Se aquele pressuporia não se reconhecer como sujeito desta criação, o manuseio de si implicaria precisamente esse *reconhecimento*.

“O que é simulado por longo tempo” – dirá Nietzsche – “torna-se enfim *natureza*: a simulação acaba por suprimir a si mesma, e órgãos e instintos são os inesperados frutos do jardim da hipocrisia”<sup>50</sup>. Toda mudança, nesse sentido, parece requerer uma etapa de fingimento, de hipocrisia, que vai se constituindo como hábitos, ou máscaras, e destas a um caráter como “obra de arte consumada”. À diferença da criação autoenganada de si, no entanto, pressupõe-se aqui um *reconhecimento de si* como sujeito e objeto, também fictícios, do processo de criação – em última instância, um reconhecimento de si como *vontade de aparência*. Daí o estatuto artístico que Nietzsche lhe confere. Mas como pensar uma boa-consciência a partir daí?

A nosso ver, embora a hipocrisia esteja envolvida nos *processos* que configuram a criação de si – manifesta no *manuseio de si* com vistas ao *assenhoramento das próprias virtudes* – a grandeza da “obra consumada”, ou seja, a força do caráter *constituído*, implicaria em um estado de *crença nas próprias virtudes* que não poderia vir senão com o restauro da boa-consciência no indivíduo – pressupondo o retorno a uma condição de autoengano, ou se quisermos, de *inocência*. Não por acaso, aludindo ao *ator* como figura representativa dessa passagem, Nietzsche o toma como aquele que, representando sempre o mesmo papel, deixaria enfim de sê-lo:

---

<sup>50</sup> NIETZSCHE, F. W. *Aurora* §248, p. 171.

*Como o parecer vira ser.* – Mesmo na dor mais profunda o ator não pode deixar de pensar na impressão produzida por sua pessoa e por todo o efeito cênico. [...] O hipócrita que representa sempre o mesmo papel deixa enfim de ser hipócrita. [...] Se alguém quer *parecer* algo, por muito tempo e obstinadamente, afinal lhe será difícil *ser* outra coisa. A profissão de quase todas as pessoas, mesmo a do artista, começa com a hipocrisia, com uma imitação do exterior, com uma cópia daquilo que produz efeito. Aquele que sempre usa a máscara do rosto amável terá enfim poder sobre os ânimos benévolos, sem os quais não pode ser obtida a expressão de amabilidade – e estes por fim adquirem poder sobre ele, ele é benévolo<sup>51</sup>.

É pelo contínuo atuar sempre da mesma maneira, usando sempre a mesma máscara, que o ator toma o poder sobre seus ânimos. Porém, por fim, estes acabam por tomar o poder sobre ele – momento em que, convertendo a hipocrisia em inocência, deixaria de ser ator e adquiriria uma *segunda natureza*, ou ainda, uma *segunda inocência*.

Nietzsche vê esse processo de *incorporação* presente no modo de constituição do caráter de artistas, e também nos “condutores de rebanho”. Erra-se, diz ele, quando se pressupõe nestes um “desenvolvimento ingênuo e inconsciente”. A formação de seu caráter envolveria não só a domesticação de si próprio, mas também a “gélida circunspeção” pela qual a aura, no caso do artista, e também a *pia fraus*, no caso dos “condutores de rebanho”, são arquitetadas<sup>52</sup>. Neles o

<sup>51</sup> NIETZSCHE, F. W. *Humano, demasiado humano* §51, p. 55.

<sup>52</sup> NIETZSCHE, F. W. KSA-XIII: 15[45], 1888, p. 440.

“prazer na dissimulação” e o “excesso de capacidades de adaptação” próprios ao ator desenvolvem-se, até que passam a comandar como instinto<sup>53</sup>. Para tanto, requer-se “um gênio de ator e de um imenso cultivo do autodomínio”<sup>54</sup>. Nietzsche atribui ao caráter *de exceção* que daí surge a “falsidade com boa-consciência” [*die Falschheit mit gutem Gewissen*] – estado de inocência e engano acerca de si próprio, “marca da honestidade no embuste”<sup>55</sup>, pelo qual se readquire a crença em suas próprias virtudes.

No entanto, embora o *processo* de constituição de um caráter envolva todo o trabalho de cultivo e autodomínio próprios da criação de si, a necessidade de tornar crível a si e aos outros a sua própria crença implicaria na submissão às próprias convicções criadas e, por fim, o engano acerca de si como “obra acabada”. O manuseio de si, então, converter-se-ia em engano de si; e a *criação* de si em *crença*. Artista e “condutor de rebanhos” seriam aqui espécies de atores autoenganados que, indo tão longe quanto possível na similitude, acabariam por incorporar um personagem, deixando enfim de ser atores.

É pela crença em suas próprias virtudes, portanto, que artistas e “condutores de rebanho” – e de um modo geral, “homens de convicção” e “gênios organizadores” – chegam à consumação de si como obra de arte e constituem-se como caracteres fortes. E nesse sentido, embora o “tornar-se senhor de suas

<sup>53</sup> NIETZSCHE, F. W. *A Gaia ciência* §361, p. 262-3.

<sup>54</sup> NIETZSCHE, F. W. KSA- XII:8[1], 1887, p. 324.

<sup>55</sup> NIETZSCHE, F. W. *Humano, demasiado humano* §52, p. 55.

virtudes e convicções” pressuponha a hipocrisia como manuseio artístico de si, o caráter que daí surge requer, para sua força, a *crença* nestas mesmas virtudes e convicções. A criação de si, então, envolveria mestria em manusear, mas também em enganar a si – e esquecer-se deste engano. Poderíamos então assumir que, embora atuante na formação ou criação de um caráter, a hipocrisia precisaria deixar de existir para que viesse à tona a força de caráter, dando lugar a uma *segunda natureza*, ou uma *segunda inocência*.

A título de conclusão, gostaríamos de apresentar o problema sob outra ótica, e ao mesmo tempo propor uma espécie de abstração. São várias as passagens em que Nietzsche aponta para as implicações de, pela crença nas próprias virtudes e convicções, passar-se de um estado de *assenhoramento* a um estado de *submissão* às próprias convicções. Sob a ótica de um *espírito livre*, as crenças em geral não seriam sinal de força, mas antes, fraqueza<sup>56</sup>. Se para o caráter de um *espírito cativo*- seria necessária a submissão a convicções como um *fim* em si, ao espírito livre importaria, ao contrário, a permanência em um estado de “*extrema clarividência*” – algo próprio das “grandes paixões” – no qual as convicções seriam apenas *meios* para si próprio<sup>57</sup>. Não se trataria aqui de sair de um processo de criação a um estado de obra consumada<sup>58</sup>,

<sup>56</sup> NIETZSCHE, F. W. *O Anticristo* §637, p. 305.

<sup>57</sup> NIETZSCHE, F. W. *Humano, demasiado humano* §52, p. 55.

<sup>58</sup> Nietzsche, a esse respeito, conceberia talvez o *suicídio* como o “acabamento final” de si como obra. Para o autor, “a maneira como uma pessoa pensa na morte, durante sua vida mais plena, no apogeu de seu vigor, é testemunha eloquente **[CONTINUA]**”

precisamente porque a contínua mudança lhe é característica. Poder-se-ia falar, no limite, de um *contínuo manusear*, pelo qual se mostra sempre senhor de suas virtudes, sem a elas submeter-se. Sob uma perspectiva, digamos, *fisiológica*, tal *manuseio* seria a forma “visível”, de um processo contínuo de luta, incorporação e reconfiguração de impulsos cujo *pathos*<sup>59</sup> Nietzsche concebe como *vontade de poder*, frente ao qual tudo o que nos resta é a possibilidade de uma interpretação ficcional: seja pelo autoengano, seja por meio da arte enquanto transfiguração de acasos em necessidades e reinterpretação afirmativa de si como ficção – em suma, pela arte do ator.

Como defendemos, chegando a esse estado *limite* de contínuo manusear, a hipocrisia estaria associada não apenas ao processo de constituição de um caráter, mas ao próprio caráter. Aqui o ator permaneceria ator, cuja característica seria a destreza em aproximar-se ao máximo de um personagem, mantendo o controle de todos os atos que o caracterizam; incorporando-os sem, no entanto, confundir-se com ele; mantendo o *distanciamento* – ilusório, porém necessário – em relação a seu “personagem”. É esta distância, precisamente, que Nietzsche vê exemplificada no “pôr-se em cena’ para si mesmo” dos atores:

---

**[CONTINUAÇÃO DA NOTA 58]** daquilo que denominamos seu caráter” (Cf. *Opiniões e sentenças diversas* §88, 44). E ainda, uma “sábria organização e disposição natural da morte” estaria em “parar a máquina, quando a obra que dela se exigia foi completada”, ao invés de “deixá-la funcionando até que pare por si mesma” (*O Andarilho e sua sombra* §185, p. 247).

<sup>59</sup> NIETZSCHE, F. W. KSA-XIII:14[79], 1888, p. 259.

*Pelo que deveríamos ser gratos.* – apenas os artistas, especialmente os do teatro, dotaram os homens de olhos e ouvidos para ver e ouvir, com algum prazer, o que cada um é, o que cada um experimenta e o que quer; apenas eles nos ensinam a estimar o herói escondido em todos os seres cotidianos, e também a arte de olhar a si mesmo como herói, à distância e como que simplificado e transfigurado – a arte de se “pôr em cena” para si mesmo. Somente assim podemos lidar com alguns vis detalhes em nós! Sem tal arte, seríamos tão-só primeiro plano e viveríamos inteiramente sob o encanto da ótica que faz o mais próximo e mais vulgar parecer imensamente grande, a realidade mesma<sup>60</sup> (FW/GC §78,106).

A nosso ver, é no exercício da *distância artística* que o ator aprimoraria o assenhoreamento de si, desenvolvendo aí o seu caráter e reconhecendo, no exercício da dissimulação – mas também da simulação e da ênfase – a sua *inocência*. Compreendida sob esse enfoque, longe de ser fonte de inautenticidade, a hipocrisia seria, antes, *condição* para um *êthos* autêntico.

---

<sup>60</sup> NIETZSCHE, F. W. *A Gaia ciência* §78, p. 106.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### OBRAS DE NIETZSCHE

NIETZSCHE, Friedrich W. **Sämtliche Werke: Kritische Studienausgabe** (KSA). Orgs. G. Colli e M. Montinari. Berlim; Munique; Nova York: Walter de Gruyter/DTV, 1999. 15 v.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Além do bem e do mal**. Trad. Paulo César de Souza. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Anticristo - Ditirambos de Dionísio**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **Assim Falou Zaratustra**. Trad. Mário da Silva. 14. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. **Aurora**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ecce homo**. Trad. Paulo César de Souza. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **Humano demasiado humano**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **Humano demasiado humano II - Miscelânea de opiniões e sentenças / O Andarilho e sua**

*sombra*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. **Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

\_\_\_\_\_. *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral (WL/VM)*. In: **Sobre verdade e mentira**. Trad. e Org. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

#### **OUTRAS REFERÊNCIAS**

ACCETTO, Torquato. **Da Dissimulação Honesta**. Trad. Edmir Missio. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COSTA, Gustavo. **Hipocrisia: arte do engano, arte do ator**. Um olhar sobre a criação de si em Nietzsche. 2013. 310f. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche, vida como obra de arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2011.

FINGARETTE, Herbert. **Self-Deception**. Berkeley: University of California, 2000.

GIACÓIA Jr, O. *Moralidade e memória: dramas do destino da alma*. In: PASCHOAL, A.E; FREZZATTI Jr, W. A. **120 anos de Para a genealogia da moral**. Ijuí: Unijuí, 2008. p. 187-241.

LOPES, Rogério. **Ceticismo e vida contemplativa em Nietzsche**. 2008. 573f. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.



MAQUIAVEL. Nicolau. **O Príncipe**. Trad. e Sel. Lívio Xavier. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Coleção Os Pensadores.

STACK, George J. **Lange and Nietzsche**. Berlin, Nova York: Walter der Gruyter, 1983.